

BORGES, Lu (Luciana Borges Pinheiro); LIMA, Wladilene de Sousa. **Mandala Asteatral: a cosmo-poética de uma atriz/performer.** Belém: Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Artes do Pará. Instituto de Ciências e Artes do Pará; Discente; CAPES. Artista-pesquisadora do PPGARTES/ICA/UFPA.

RESUMO: Objetiva investigar o universo mandálico dos modos de percepção sensíveis dos processos de transformação de si como ação política de existência e resistência no diálogo entre a videoperformance e a simbologia da astrologia. Ação é tempo e faz referência ao número do chalé Cardoso que fica localizado na praia do chapéu virado na ilha de mosqueiro em Belém do Pará. O chalé número treze é eleito como local da pesquisa por representar o nutrimento afetivo das memórias ali vividas e revividas. A casa do século XIX/XX encontra-se em estado de deterioração agudo, aludindo ao seu próprio número. Treze também é um número da carta do arcano maior do Tarô, a morte, carta que representa os ciclos da vida, da renovação tendo analogia com o deus do tempo, saturno, regente do meio-do-céu. É uma pesquisa sobre a própria existência da obra como extensão de si num trabalho lírico-poético da imagem que tenta contribuir para as potências interdisciplinares como estratégia para o fortalecimento híbrido entre os campos dos diferentes saberes e fazeres da astrologia e da videoperformance.

PALAVRAS CHAVE: Videoperformance. Mandala Asteatral. Cosmo-Poética. Astrologia. Performance como busca Si.

RÉSUMÉ: A pour objectif d'examiner l'univers mandalique des modes sensibles de perception des processus de transformation de soi en tant qu'action politique d'existence et de résistance dans le dialogue entre performance vidéo et symbolologie de l'astrologie. L'action est le temps et fait référence au numéro du Chalet Cardoso situé sur la plage du chapeau tourné sur l'île de Mosqueiro à Belém do Pará, élu comme site de recherche, car il représente l'aliment affectif des souvenirs y vécus et ressuscités. La maison du dix-neuvième / vingtième siècle est dans un état de grave détérioration, faisant allusion à son propre numéro. Treize est aussi un nombre de la lettre du plus grand arcanes du Tarot, mort, lettre qui représente les cycles de la vie, du renouveau ayant une analogie avec le dieu du temps, Saturne, souverain du ciel. C'est une recherche sur l'existence même de l'œuvre en tant qu'extension d'elle-même dans une œuvre de l'image lyrique-poétique qui tente de contribuer aux pouvoirs interdisciplinaires en tant que stratégie de renforcement hybride entre les domaines des différentes connaissances et actions de l'astrologie et de la performance vidéo.

MOTS-CLES: Vidéoperformance. Mandala Asteatral. Cosmo-Poetic. Astrologie. Performance comme recherche.

Comecei a estudar autodidaticamente astrologia com o tesão de me desenvolver enquanto ser mulher e me autoconhecer, compreendendo alguns dos mistérios secretos da vida. Na verdade, desde cedo, senti-me atraída por estudos ocultos, magias e misticismo; então, identifiquei-me muito com o poder dos estudos simbólicos, e logo estava interpretando os gráficos do céu da vida dos amigos e familiares. Hoje estudo profissionalmente astrologia num curso para formação profissional.

O mapa astral tem vários nomes, dentre eles, mapa natal, pois está relacionado com o nascimento natal de cada pessoa no exato momento em que vem ao mundo, é como as digitais no qual cada pessoa tem a sua própria. É, na verdade, um registro fotográfico do céu, com seus astros e planetas do momento da sua primeira respiração exterior ao útero. “A carta astrológica natal é o mapa capaz de nos guiar novamente a nós mesmo” (SASPORTAS, 1985, p.17).

O mapa astral é uma espécie de mandala, que em sânscrito significa círculo, é uma representação geométrica da dinâmica relação entre o homem e o cosmo. Um círculo cósmico sagrado com um tempo divino. Lá, no gráfico, consta tudo, os secretos pormenores e promessas, não no sentido cristão da palavra, das nossas personalidades energéticas e até nossa missão na terra. É como estar completamente desnuda diante das pessoas e do mundo; eu relutei muito em abrir meu próprio mapa completo, mas como a própria pesquisa aborda o risco da existência, os ciclos de vida e de transformação da minha mulher, escolhi compartilhar.

Esta pesquisa convida a pensar a arte como uma potência de transformação de si, a prática como pesquisa, com seus próprios mecanismos de pensar, de fazer e de agir na arte/vida, contribuindo para o reconhecimento e a criação de métodos de trabalho do artista sobre si. A arte como campo em que se operam modificações ontológicas no artista como no trabalho alquímico

do teatro de Antonin Artaud (2006), ou seja, transformar o processo criativo num procedimento que coloca em jogo o ser do artista como um todo.

Figura 01: O meu Fundo-do-céu: Chalé Cardoso, ilha de Mosqueiro. Chapéu Virado nº13.



Fonte: Autor desconhecido, internet.

O artigo faz referência ao número do chalé Cardoso que fica localizado na praia do Chapéu Virado na ilha de Mosqueiro em Belém do Pará. O chalé número treze é eleito como local que se passa a minha pesquisa, por representar o nutriente afetivo de minhas memórias ali vividas.

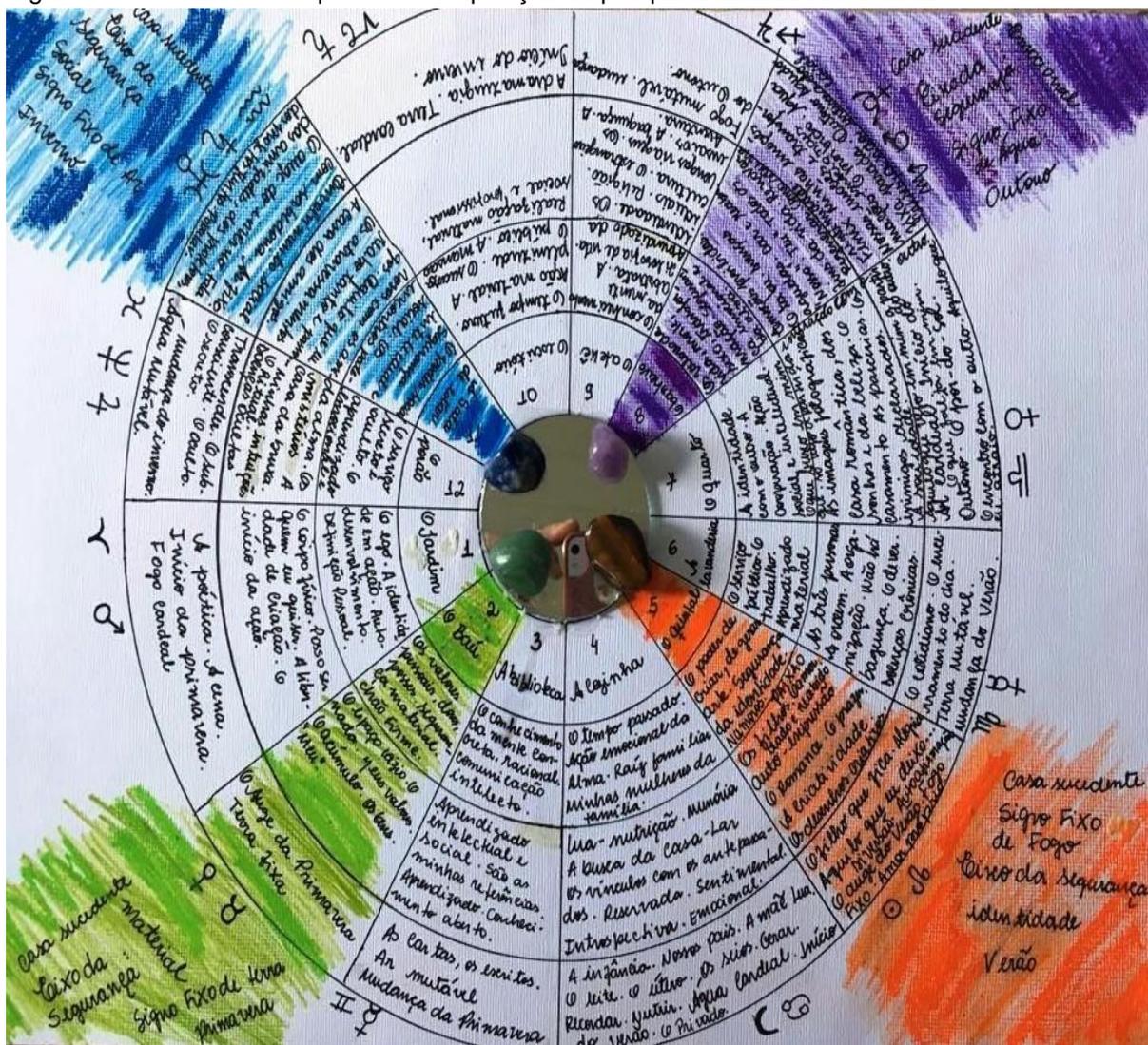
Treze também é um número da carta do arcano maior do Tarô, a morte ou sem nome, é uma carta que fala do ciclo de vida e morte, da renovação e tem analogia com Deus do Tempo Saturno (regente do meio-do-céu) e plutão. A casa de mosqueiro é um imóvel tombado pelo patrimônio histórico, mas o seu atual cenário encontra-se deteriorado, fazendo jus à carta de número treze do tarô, a morte, mas também a renovação. Renovando minha relação com a

casa, com a vida, e com a família. Devido à movimentação desta pesquisa, por exemplo, minha família encontra-se planejando nosso natal 2018 lá na casa 13, como nos tempos da velha infância. O que me deixou feliz e surpresa, pois não imaginei que minha pesquisa fosse trazer talvez um feixe de luz de vida para a amada casa. Eu escolhi essa maneira de me despedir da casa, na verdade essa pesquisa partiu de uma tentativa de ensaio de pesquisa e homenagem a minha história e a minha família. Outro fato também foi à chegada da maternidade no meu coração, os hormônios da gestação me apresentaram sentimentos de laços de afeto familiares que eu não costumava me debruçar com tamanha gratidão, compreensão e carinho. Passei a olhar e a valorizar momentos e saudades.

A mandala asteatral é um plano cosmo-poético de busca de si que objetiva investigar os modos de percepção sensíveis possíveis no diálogo entre as artes da cena (ARTAUD, 2006) e a astrologia (ARROYO, 2013) com o estudo das suas casas astrais (campos da vida, atuação e assuntos análogos a casa signo). A partir da astrologia - linguagem descritiva das energias e estudos dos astros e sua influência sobre os seres terrestres - e dos estudos teóricos das artes da cena investigarei, através da performance, as quatro casas astrais selecionadas para a pesquisa.

A arte como campo em que se operam modificações ontológicas, tanto no artista quanto no trabalho alquímico, segundo a pesquisa teatral de Artaud (2006), ou seja, transformar o processo criativo num procedimento que coloca em jogo o ser do artista como um todo. Não é um culto ao “eu”, mas sim uma vivência da arte tornando-se um campo de investigação dos processos de transformação da própria artista envolvida com o trânsito possível entre teatro e performance, enriquecendo a possibilidade de troca entre ambas. Revendo as fronteiras entre a arte e a vida, e extrapolando a construção de mundos ficcionais e rediscutindo a postura do artista diante de si e da sociedade, buscando um caminho próprio na forma de atuar no mundo, borrando as fronteiras que separam arte e vida.

Figura 03 – Visualidade do plano de composição da pesquisa: Mandala Astreatral.



Fonte: Lu Borges, 2018.

O poeta, ator e dramaturgo francês Antonin Artaud¹ (2006), no seu ontológico *O teatro e seu duplo*, compara o teatro essencial com a peste, não por ser contagioso, mas por ser uma revelação, uma exteriorização de uma crueldade dentro de um indivíduo. Ambos representam uma crise que se resolve pela morte ou pela cura. E a linguagem concreta da cena, independente da palavra é destinada aos sentidos enquanto que a linguagem

¹ Poeta, dramaturgo e ator. Nasceu em Marselha em 1896. Foi internado diversas vezes em hospitais psiquiátricos. Em 1939 foi o ano de sua última internação no manicômio de Rodez permanecendo até 1946. Durante todos esses anos, inclusive durante sua internação, Artaud nunca parou de produzir; escreveu peças, cartas, livros e montou espetáculos. Morre em 1948 em Paris. (Apud QUILICI, 2004).

física e concreta só é necessária e teatral na medida em que seus pensamentos expressos escaparem a linguagem articulada. O teatro nasce de uma anarquia organizada.

Para Artaud, não se trata de suprimir a palavra do teatro, mas mudar sua destinação para um sentido concreto e espacial do objeto do teatro, surgindo à ideia de poesia espacial que se confunde com bruxaria (ARTAUD, 2006, p. 80). É sob esse ângulo de utilização mágica da bruxaria que se deve considerar a encenação, são relações mágicas com o objeto do teatro. Para ele o teatro é apenas um reflexo da magia e dos ritos, onde a sensibilidade é posta num estado de percepção mais apurada e profunda. “O teatro, arte independente e autônoma, para ressuscitar ou simplesmente para viver, deve marcar bem o que a distingue do texto, da palavra pura e articulada, da literatura e de todos outros meios escritos e fixos” (ARTAUD, 2006, p.124).

Artaud levou a encenação para vida, conhecido com a imagem do artista xamã, transformando-se de homem do teatro para homem-teatro. Para ele o teatro ocidental deveria ser antes de tudo ritual e mágico. Criticava a ditadura do texto e priorizava uma linguagem fundada no corpo. Propõe uma reformulação da linguagem teatral: conectar novamente o homem com a natureza; rejeição do teatro como mero divertimento; rejeição do teatro mimético, da psicologização, abandono do verbo como base da ação teatral e o fim da encenação tradicional e ilusionista. O ato dramático como cerimônia mágica e mística.

Dentro do teatro ocidental grego Sêneca é a grande influência para Artaud, quem o considerava o maior autor trágico da história, um verdadeiro iniciado nos segredos. Artaud queria provocar nos espectadores e nos atores a experiência de êxtase de “sair de si” pois, desse novo estado, ele acreditava que surgiria um novo homem. O invisível é a magia do teatro em uma analogia do teatro com as práticas xamânicas.

A ação do xamã, assim como a do ator, é a transcendência, a passagem entre dois mundos, rompendo os limites, produzindo uma transformação orgânica, inter-relacionando corpo e psique e reintegrando o homem com o sagrado, ampliando desta forma os estados de consciência deste homem. A

missão do seu teatro era revelar a verdadeira essência do homem, para ele esse estado de êxtase faz cair as máscaras da persona.

Os quatro signos da pesquisa são touro, leão, escorpião e câncer e se relacionam com a segurança e com ação. Touro se relaciona com a segurança material, leão com a segurança da identidade, escorpião com a segurança da alma e emocional e câncer se relaciona com ação emocional e da alma. Cada signo corresponde a um dos cômodos da casa: há um touro no baú, um leão está brincando solto no quintal, um escorpião preso dentro do banheiro e uma lua na varanda de estar.

Leão rege o prazer, os romances, a criatividade, a auto-expressão, os filhos, aquilo que deixamos eternizados na vida, são os desenhos criativos, o poder de criar, gerar arte, é a segurança da identidade; escorpião, o banheiro da intimidade, o tabu, os assuntos e emoções proibidas, as minhas emoções e transformações. Os valores da vida-morte-sexo. É a segurança da alma e da emoção.

A última camada desta mandala é a cosmo-poética da pesquisa, e é preenchida da seguinte forma: no centro da mandala há um pequeno espelho: “... para eu me ver eu preciso do outro, de um espelhamento do outro.”

Lua 9 de Touro Baú	Elemento Terra	O Físico	Vênus	Primavera	Valor
Vênus 12 de Leão Quintal	Elemento Água	O Emocional	Sol	Verão	Poder
Marte 3 de Escorpião Banheiro	Elemento Água	O Emocional	Plutão	Outono	Valor
Sol 11 Câncer Varanda	Elemento Água	O Emocional	Lua	Verão	Tempo

Tendo por base teórica os estudos do professor Cassiano Sydow Quilici, será tomada a produção de conhecimentos oriundos de outras práticas de pesquisa no âmbito do PPGArtes e da astrologia como dispositivo performativo

gerador de conhecimento e de autoconhecimento. O percurso alquimiza a noção de mandala astral como disparadora metodológica e elabora poeticamente a cosmo-poética da atriz/performer e sua trajetória pessoal a partir de suas três mulheres: minha mãe e minhas duas avós. Situando esta prática artística no âmbito das pertencentes ao espaço de conversação entre a tradição astrológica, o teatro pós-dramático e a performance.

A tríade da investigação astrológica foca nos planetas-signo-casas, onde os planetas são os impulsos e as motivações, são os verbos de ação, exemplo: marte afirma, júpiter expande, saturno limita, etc; os signos são as doze atitudes perante a vida ou as doze qualidades do ser; as casas são os campos de experiência e as áreas específicas da vida. Os planetas mostram o que está acontecendo, os signos mostram como está acontecendo e as casas mostram onde está acontecendo. Utilizo meu mapa natal como procedimento para operar a pesquisa.

Quando comecei a estudar as doze casas astrais da astrologia, fiz analogias com a pesquisadora carioca Sônia Rangel e as imagens da casa, o quintal e o jardim e logo comecei, durante as aulas do curso de astrologia, a criar e construir analogias entre os cômodos de uma casa com as casas dos signos da astrologia. E surgiu a ideia de investigar nesses cômodos possíveis atos performáticos induzidos pelo que há dentro das minhas próprias casas astrais, como consta no meu mapa astral. Logo se estudo a casa dois e esta é associada ao signo de touro, olho para meu mapa e vejo o tenho desse signo na casa. Isso é o que chamo de minha cosmo-poética, pois são doze casas astrais para cada signo e a casa treze é a minha casa-cosmo-criação. Eu uso a expressão atriz/Performer para nomear o que venho desenvolvendo nos campos do teatro e da performance, e o trânsito entre ambas, a barra (/) significa as possibilidades de troca entre teatro e performance, como nos estudos do pesquisador Cassiano Sydow Quilici (2015), que une os estudos da performance com o teatro e as práticas de si.

“O ator é um ser que tem que acordar, para que veja que os outros estão dormindo... Artaud é um ser acordado” (LIMA, 2005, p. 201). No livro *dramaturgia pessoal do ator*, ao falar sobre o que é o ator, ele afirma: é ter a

capacidade de enxergar a vida o tempo todo, para se começar a ter consciência de si mesmo, da busca de sua essência. Assim o teatro e a arte de ator será um caminho para o conhecimento de si e do outro e da vida (LIMA, 2005, p. 207). “O ator é um buscador de si” (LIMA, 2005, p.79). Um teatro que leva ao caminho do autoconhecimento, mas preocupado com um fazer artístico.

O trabalho sobre si não tem a intenção de ser uma tendência individualista ou narcisista, pois o teatro é uma arte coletiva por excelência onde há a importância da alteridade no processo de criação. É na verdade um caminho próprio dentro do contexto relacional, com o objetivo de ultrapassar o sentido do si, ou do eu como algo permanente, não se trata de um trabalho de produção de subjetividade, pois a própria noção de si mesmo deve ser ultrapassada (ARTAUD apud QUILICI). Segundo Grotowski² o teatro é como um encontro, uma comunhão onde cada pessoa se refaz a partir do lugar onde se encontra.

O conceito de cuidar de si ou ocupar-se de si vem da Antiguidade Ocidental estudado por Michel Foucault, onde somos convidados a nos afastar do magnetismo da vida comum, como ambições de prestígio social, profissional, desejos e poder. É ter a coragem de um eremita para se afastar disso tudo e até da excessiva vida social, para se lançar no deserto de suas próprias emoções e solidão, silêncio interior e se encontrar consigo completamente acolhendo suas sombras (QUILICI, 2015, p.69).

Foucault revela como a maioria das escolas filosóficas da Antiguidade apresentavam disciplinas voltadas as práticas meditativas contemplativas e reflexivas que promoviam uma transformação ontológica do homem. A vida na Antiguidade era pautada na vida contemplativa, mas na vida contemporânea deixou de fazer sentido na medida em que o conhecimento e a vida espiritual passou a se identificar com o pensamento. O conhecimento era indissociável do cuidado de si. Mas o modelo cartesiano ocidental e positivista de conhecimento pode ser sido um dos responsáveis pela dissociação da

² Jerzy Grotowski foi um importante diretor de teatro Polaco do século XX, trabalhou com treinamento psicofísico para atores e com práticas contemplativas (Wikipédia).

construção de conhecimento com a modificação da própria existência. Quilici (2015) acredita que uma possível re conexão entre essas duas dimensões ressurge hoje no campo das artes (QUILICI, 2015, p. 105). No entanto, é o conceito de Si-mesmo³, o self, de Carl Gustav Jung⁴ que embasa esta pesquisa. Mas a definição de si-mesmo também é a representação que cada um carrega dentro de si mesmo de Deus (a divindade interior) (STEIN, 2006, p. 143).

O Banheiro do Escorpião

A 8ª Casa está naturalmente associada a Plutão e a Escorpião, sendo também conhecida como "a casa do sexo, da regeneração e da morte". Uma vez que ela é oposta à 2ª casa, a "dos meus valores", costuma ser chamada de "a casa dos bens dos outros". Os signos e os planetas na 8ª casa sugerem como nós lidamos com o nosso dinheiro no casamento, com heranças. A casa 8ª é a essência dos relacionamentos: aquilo que acontece quando duas pessoas se encontram em profunda relação íntima.

Na mitologia greco-romana, Perséfone é raptada para o submundo por Plutão, o deus da Morte. Ela se casa com ele e retorna ao mundo transformada, uma mulher. Relacionar-se profundamente com outra pessoa gera uma espécie de morte, é um deixar-se ir e furar as barreiras do nosso ego. Nosso eu morre e renasce como Nós. Da mesma forma que Perséfone, mergulhamos no mundo dos outros através do relacionamento. No sexo e na intimidade expomos e compartilhamos parte de nós que normalmente fica escondido, nos abandonamos para nos fundir com o outro, o orgasmo é tido como a "pequena morte". "Muito de nossa natureza sexual é mostrada pelos posicionamentos da oitava casa, em nosso mapa." (SASPORTAS, 1985, p.71).

³ O centro, fonte de todas as representações arquetípicas e de todas as tendências psíquicas inatas para aquisição de estrutura, ordem e integração.

⁴ Psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica e desenvolveu conceitos da psique humana e se debruçou nos estudos do homem pautados em conhecimentos como astrologia, tarô e inconsciente e sonhos. Conceituou importantes estudos como individuação, arquétipo e sincronicidade (HALL e NORDBY, 2005).

Quando crianças, nós vivenciamos nossas primeiras experiências de relacionamento com nossos pais, na nossa profundidade todos nós temos uma "criança ferida/furiosa" dormindo dentro de nós. Quando crescemos e vamos nos relacionar amorosamente e nos desentendimentos nosso parceiro nos frustra, de alguma maneira a nossa criança ferida acorda furiosa e toma as rédeas da situação.

Num relacionamento muito intenso descemos às profundezas do nosso próprio ser para descobrir nossos instintos, nossas necessidades de poder e controle. Somente reconhecendo e aceitando "o bicho" que existe em nós é que poderemos transformá-lo. É difícil a mudança daquilo que não temos consciência, ou condenamos. As feridas da infância são trazidas à tona na 8ª Casa. "A oitava casa é um exercício de autoconhecimento para nos libertar para seguirmos nossa jornada." (SASPORTAS, 1985, p. 73).

A casa oito eu intitulei como o banheiro de escorpião ou sobre quando ponho a loucura para dançar. A oitava casa da mandala astreatral, nome do plano de composição da pesquisa, tem na cor roxa a alusão a meu marte natal que é em escorpião. Também uso a mesma cor nas lingerie e no batom, o roxo, que é o outono roxo e agudo e está no auge, é a cor do sangue preso, da crise, do choque, do baque, das batidas que machucam, do hematoma roxo da queda, mas também das marcas gravadas na pele de uma noite de sexo.

Escorpião rege os órgãos sexuais. A casa 8 é como somos na nossa intimidade, o banheiro é talvez a área da vida de uma casa mais íntima que o próprio quarto, é aquilo que é tido como proibido, como tabu. É o sexo, o falo, a buceta, as crises emocionais da alma, mas principalmente é a transformação. A imagem mitológica da fênix é emblemática para representar escorpião, que forte, sempre retorna transformado e ainda mais poderoso das suas cinzas crises. Sou filha de uma escorpiana, e desde cedo percebi a ligação entre esse povo e o sanatório. É a casa das doenças agudas, de todos os fins da vida, dos ciclos, é a regeneração, a renovação.

Os escorpianos são os filhos da loucura, da loucura do carnaval, época em que estão sendo gerados e concebidos. O fato é que os escorpianos que cruzaram e cruzam meu caminho, quase todos em algum momento por algum

segundo enlouqueceram de tanta poesia, eles são da água, mas não nadam bem, e se afundam nas emoções. Casa outonal das águas agudas e fixas. Minha mãe não entra em barcos, se apavora ao temer morrer afogada, pariu uma nadadora profissional... Eu cuido disso.

A casa oito está no eixo dos valores, dos valores do outro, são os valores alheios, dos nossos valores, e do eixo da segurança, emocional e da alma. É a casa regida por plutão e marte. O marciano deus da guerra, da ação, da iniciativa, do interesse sexual, o guerreiro defensor, a agressividade, a determinação dos escorpianos. Marte é a guerreira que luta pelo seu espaço,

A casa oito é a casa oposta e complementar a casa dois taurina, e fala do eixo dos valores, dos valores alheios presentes na voz da minha avó que narra sua vivência sexual com meu avô, nos azulejos frios e íntimos do banheiro, que se torna um encontro coletivo de revelação privada. Tudo isso começou lá atrás quando eu quis conhecer mais profundamente os tabus em torno da minha constituição familiar, principalmente os tabus sexuais e de doença mentais.

Sexualmente me lancei no despertar da busca de autoconhecimento, empoderamento, orgasmos e libidinagem, nunca tinha falado sobre isso com minhas tias e minha mãe, somente com minha avó paterna, que me revelou ainda na adolescência que minhas tias e minha bisavó materna haviam sido prostitutas, em especial a minha bisavó que havia sido por toda a vida e era profissional e assumida no bairro da campina. Elas arquitetaram a família com o dinheiro oriundo dessas relações de poder e sexo.

Em 2016 quis compreender sobre o que é ser mulher, sobre conhecer as histórias das mulheres da minha família, da ancestralidade e genealogias. Como a temática da loucura familiar ainda tem uma ferida aberta em mim escolhi me focar na sexualidade, não por ser mais fácil, mas por ser mais gostosa e prazerosa para o momento.

Em estado de criação, comecei a entrevistar amigas, e a gravar minhas conversas despreziosamente com minha avó, que em 2018 começou a morar em minha casa aos finais de semana. A conversa fluía e eu intuía que

deveria pegar o celular e apertar o rec. Avisei a ela sobre a gravação ela nem se importou e continuou a falar sem timidez como sempre é.

O exercício se passa no banheiro fechado escuro iluminado apenas por um abajur com luz vermelha, uma caixa de som com áudios de minha avó paterna e minhas respostas às perguntas em conversa com a amiga que estuda gênero Juliana Bentes, e duas músicas, duas vozes, duas gerações, duas canções que se atravessam em diálogo íntimo de amor e sexo. E claro, o meu corpo presente vivo em encontro e acontecimento com outras vozes mudas e outros corpos parados, um rito de passagem, de separação, de celebração, de iniciação, de retorno. *E* ou *ou*. Tudo isso junto ou separado em uma coisa somente. Ainda não tenho a resposta do que é talvez nunca tenha, nem queira ter. Mas os outros terão ou poderão ter. Isso é importante. Pois esta casa/banheiro é dos outros, seus valores. O que é compartilhado entre as pessoas.

O relacionamento como catalisador para mudanças. Como destruir velhas fronteiras do ego e abrir novas. Períodos de limpeza e renovação. O aparecimento na superfície de problemas não resolvidos de relações de infância através de relacionamentos atuais. O aparecimento do que é "escuro", instintivo e passional em nós. A criança cheia de raiva que existe em nós. Como conter e transformar energia crua e primordial. A Morte: a morte física ou a morte da identidade do ego. Como morremos ou enfrentamos transições. A descoberta daquilo que é indestrutível em nós. Auto-regeneração. A sexualidade entre gerações de minha avó e a minha se desnudam no chão do piso frio do banheiro, onde a ideia de troca de pele de renovação para juntas eu e minhas ancestrais representadas pelas minhas amigas vamos bailar na varanda nossos gemidos de mulheres lobas que saem das suas tocas-cosmos para embalar nossos desejos nas nossas redes. Mulheres em rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. ***O teatro e seu duplo***. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ARROYO, Stephen. **Astrologia, psicologia e os quatro elementos: uma abordagem astrológica ao nível da energia e seu uso nas artes de aconselhar e orientar.** São Paulo: Pensamento, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** SP: Martins Fontes, 1988.

BURT, Kathleen. **Arquétipos do zodíaco.** São Paulo: Pensamento, 1988.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Wlad. **Dramaturgia pessoal do ator.** Belém: Grupo Cuíra, 2005.

QUILICI, Cassiano Sydow. **O ator-performer e as poéticas da transformação de si.** São Paulo: Annablume, 2015.

QUILICI, Cassiano Sydow. **Antonin Artaud: Teatro e Ritual.** São Paulo: Annablume, 2004.

RANGEL, Sônia. **O olho desarmado: objeto poético e trajeto criativo.** Bahia: Solisluna, 2009.

RUSH, Michael. **Novas mídias na arte contemporânea.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SASPORTAS, Howard. **As doze casas: uma interpretação dos planetas e dos signos através das casas.** São Paulo: Pensamento, 1985.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução.** São Paulo: Cultrix, 2006.